MUSEU FREI GALVÃO
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUARATINGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves, nº 48 - 2º andar
museufreigalvao@yahoo.com.br

2007 n º 270

PAI JOÃO
E
ESCRAVA ANASTÁCIA

No ano de 2006, o Museu Frei Galvão foi enriquecido com a doação do então Presidente da Câmara Municipal de Guaratinguetá, Dr. Rogério Monteiro Barbosa, de duas belas telas, de autoria da artista guaratinguetaense Anadia Quissak Figueiredo, feitas para a coleção particular do doador.

Esses quadros, em cores que vão do sépia e terra ao ouro, representam duas importantes figuras da história do Brasil, símbolos do triste período do cativeiro. Vieram enriquecer de muito a iconografia da época dentro do acervo do Museu Frei Galvão, por dois motivos: a arte e o simbolismo que eles trazem para os dias atuais.

O tema relativo aos escravos é hoje muito procurado para pesquisas e estudos, principalmente na área da iconografia, documentação, usos, costumes, vocabulário, crenças, alimentação, danças, artes, artesanato, etc. Daí a importância da doação dessas telas que tanto vieram valorizar o acervo do Museu Frei Galvão e Arquivo Memória de Guaratinguetá.

O primeiro quadro, apresenta um **Preto Velho** com seu pito, também conhecido como Pai João ou Vovô Benedito, personagem tão respeitado como temido por negros e brancos. Conhecia ele tantos mistérios vindos da África como os segredos de cada família. Era o benzedor, o curandeiro, o rezador, o conselheiro de todos.

O sofrimento, a opressão, a violência estiveram presentes em sua vida, a mesma vida de todos que deixaram a África distante, no duro destino de escravos.

Se a vida dos Pais Joãos e Vovôs Beneditos e Pretos Velhos já fora marcada de violência, a das mulheres foi quase sempre marcada pelo martírio. É este o tema do segundo quadro, doado ao Museu e que apresenta a **Escrava Anastácia**. Esta bela mulher-mártir, é hoje venerada no Museu do Negro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, na rua Uruguaiana da cidade do Rio de Janeiro e ainda em uma capela em Vaz Lobo, e por muitas centenas de devotos.

A vida de Anastácia, até então considerada lendária, só foi resgatada quando o Museu do Negro fez uma exposição em homenagem aos 90 anos da Abolição e uma tela de autoria do artista Etienne Victor Arago a apresentou, como dizia a tradição, com uma máscara de ferro no rosto. Este martírio lhe foi imposto pelo filho do feitor do engenho onde vivia e que tinha sido rejeitado por ela. Após persegui-la e violentá-la, este homem obrigou-a a usar a máscara sobre o rosto, por ciúme. Consta ainda "que as mulheres e as filhas dos senhores do engenho incentivavam o uso dessa tortura, porque morriam de inveja e de ciúmes da beleza da negra. Durante muitos anos viveu desta

[illegible] morrendo no Rio de Janeiro em data incerta"

Uma pesquisa sobre sua vida informa ter sido ela "da família real Gabunga da tribo Bantu, trazida para o Brasil em 1740, em um carregamento de mais de cem escravos, entre os quais sua mãe, já grávida, tendo portanto a Anastácia nascido e vivido no século deroito Um incêndio na Igreja do Rosário e São Benedito, onde foi sepultada, entretanto, consumiu os documentos que poderiam elucidar mais detalhes sobre sua vida

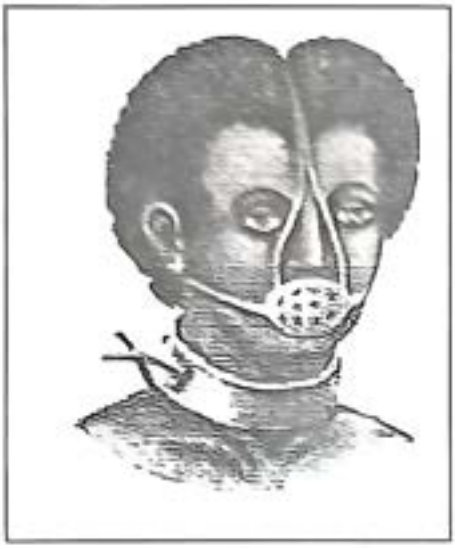
A máscara que Anastácia era obrigada a usar só era retirada nos poucos minutos das refeições Essa máscara também era de uso, segundo registros da época, pelos escravos em seu trabalho nas minas, para que não escondessem pepitas de ouro na boca

No quadro de Anadia Quissak, entretanto, a mascara aparece sob a forma de um colar, destacando-se no rosto de Anastácia os seus belos olhos verdes, herdados do pai branco

Com sua longa vida de tortura, Anastácia merece ser respeitada, como símbolo do martírio das mulheres escravas ou não, vítimas da violência, tão presente hoje como ontem

Ao ser batizada com o nome de Anastácia, certamente se desconhecia a saga deste nome vindo da antiguidade: Santa Anastácia - patrícia romana martirizada em 304, no tempo de Dioclesiano - e de outras duas santas Anastácias martirizadas em Sermich e no tempo de Nero Do século vinte ficou ainda o martírio da jovem princesa Anastácia, filha dos czares da Rússia. A triste vida da escrava de sangue real, a Princesa Anastácia do Brasil, tornou-a, entretanto uma Iluminada, Protetora dos que correm perigo e violência, e que a ela se socorrem com essa Prece.

PRECE A ANASTÁCIA



"Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade: vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranqüilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer, eras puras, superior, tanto assim que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres.

Anastácia pedimos-te... roga por nós, protege-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme, penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Todas as manhãs, antes de sair para o trabalho, olhe para Anastácia, peça-lhe suas graças que tudo correrá bem para você."

Thereza Regina de Camargo Maia

Nota: A publicação dessa monografia é uma homenagem do Museu Frei Galvão à **Escrava Anastácia**. Sua vida precisa ser valorizada como a de **Zumbi** - guerreiro livre nas montanhas, lutando por seu ideal de liberdade. Anastácia viveu amordaçada e martirizada, além de sua triste e humilhante condição de mulher e de escrava. Sua personalidade, que atravessou os séculos até o tempo atual, tornou-a venerada e protetora dos que a ela pedem socorro, merecendo ser melhor conhecida e divulgada como mulher e mártir.

Fontes de Consulta

- Museu do Negro - Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Rio de Janeiro.
- Textos diversos, traduções e entrevistas.
- A ilustração e a oração são do santinho distribuído na igreja do Rio de Janeiro.